



MASCULINIDADES JUVENIS E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: UM ESTUDO COM JOVENS RAPAZES ORIUNDOS DE CAMADAS MÉDIAS NA CIDADE DE ERECHIM/RS

SAMUEL BAGOLIN ZAMBON^{1*}, IVONE MARIA MENDES SILVA²

1 Introdução/Justificativa

A pesquisa direcionada a jovens pertencentes às camadas médias de Erechim/RS visa a análise a construção identitária e da compreensão das masculinidades dos mesmos. A pesquisa parte do entendimento de que a construção das identidades e das masculinidades é um processo contínuo e dinâmico. Tomando como referência os estudos que possuem origens na virada epistemológica feminista com a fundação da categoria “gênero” (LOURO, 2002), passou-se a analisar não só a luta da mulher contra o patriarcado e o machismo, mas também as relações de gênero e as forças interseccionais que as envolvem.

Para tanto, desmistifica-se o entendimento de que a masculinidade remete à figura de um homem padronizado e restrito a certos comportamentos físicos e morais (força, agressividade, autonomia, heterossexualidade). Diferentemente disso, concebe-se que a masculinidade pode ser relacionada a outros atributos e formas de ser. Por isso existem masculinidades (no plural) e não uma única masculinidade “estática” e fechada (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

Pesquisar sobre esse assunto, ainda pouco explorado na literatura científica, torna-se relevante num mundo repleto de injustiças sociais, muitas das quais alimentadas pela desigualdade de gênero.

2 Objetivos

O objetivo da pesquisa é analisar os discursos dos jovens pertencentes às camadas médias, partindo de perguntas que giram em torno do “ser homem”, da masculinidade, do machismo, das influências sociais às quais têm acesso e das experiências por eles vividas. A partir das respostas produzidas pelos participantes, buscou-se entender as construções

1 Discente de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Erechim (RS), Bolsista de iniciação científica FAPERGS, contato: samuelzambon@gmail.com

2 Doutora em Psicologia, professora adjunta na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim (RS)



identitárias por eles elaboradas.

2.1 Objetivos específicos

- Conhecer, a partir dos relatos produzidos pelos jovens participantes da pesquisa, as perspectivas por eles sustentadas a respeito do tema masculinidades;
- Investigar o que os jovens entendem por *ser homem*, buscando identificar as experiências de vida tidas como significativas para a constituição de suas masculinidades;
- Analisar de que forma as percepções sobre masculinidades sustentadas pelos jovens podem se relacionar com outras questões que eles venham a destacar em seus relatos.

3 Metodologia

Para a execução da pesquisa, foi utilizada uma metodologia de caráter qualitativo, a partir da qual foram considerados os comportamentos, crenças, valores e outros aspectos subjetivos demonstrados pelos pesquisados (MINAYO, 2007). Como primeiro passo, foi usada a apropriação de referências bibliográficas, seguido da execução de um grupo focal e da exploração de conteúdo do material coletado. A respeito do grupo focal, o convite para a sua participação foi aceito por quatro jovens com idade entre 15 e 17 anos, estudantes de uma escola particular de Erechim/RS. Os critérios para a participação foram: ser do sexo masculino; possuir idade entre 15 e 20 anos; estar matriculado como aluno não bolsista da escola³. O grupo focal aconteceu nas dependências da escola e durou cerca de 1 hora e 25 minutos. Informamos ainda que foram utilizados os termos de assentimento e consentimento livre e esclarecido- número de registro do CAAE: 81835317.4.0000.5564- (direcionado ao preenchimento dos responsáveis legais pelos jovens), além da garantia de preservação da identidade dos participantes nas produções derivações da pesquisa.

Para a análise dos dados obtidos, foi adaptado o método da autora Bardin (1977). Inspirado nele, identificamos as semelhanças e diferenças entre as narrativas dos pesquisados e criados núcleos de sentidos e categorizações, de modo a posteriormente ser possível a interpretação da estrutura criada.

4 Resultados e Discussão

Com a pesquisa ainda em andamento, o que se destaca é que as narrativas dos

³ O critério de “não bolsista” se deve ao fato de que os jovens bolsistas já foram incluídos na pesquisa anterior a essa, realizada sob coordenação da mesma professora orientadora deste projeto.



participantes possuem algumas contradições. Os quatro participantes afirmam, por exemplo, que o machismo é a superioridade masculina sobre a mulher e que eles possuem uma autovigilância para não terem comportamentos machistas. Porém, ao falarem sobre as suas colegas de sala da escola, os quatro sujeitos afirmam que elas são “fofoqueiras” e fingem amizade umas com as outras, ressaltando que esta seria uma característica natural das mulheres, diferente do que seria comum observar entre os homens.

Eles também afirmaram que não existe “mais homem” e “menos homem”. Todavia, dois participantes sustentaram que os homossexuais possuem “gostos diferentes”, “são homens afeminados”. Aqui os sujeitos claramente se diferenciam dessa maneira de *ser homem*. Ao mesmo tempo, todos os participantes identificaram-se como diferentes dos homens de gerações passadas e de alunos de outras turmas. Decorre que é a partir de processos identificatórios e de diferenciação em relação às mulheres, aos homossexuais e aos indivíduos pertencentes a outras gerações ou grupos distintos daqueles aos quais pertencem que esses jovens se constituem e se reconhecem como homens (WELZER- LANG, 2001).

Os entrevistados, ao serem perguntados sobre o que significava a palavra masculinidade, se referiram a um homem “corajoso”, “forte”, “musculoso”, entre outros padrões socialmente mais aceitos. Decorre que dentro da dinâmica das masculinidades, existe sim uma masculinidade considerada “padrão” (masculinidade hegemônica), mas também há outra considerada “submissa” (masculinidade subalterna) (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Sendo assim, os discursos dos jovens variaram entre masculinidades padronizadas (hegemônicas) e masculinidades consideradas alternativas (masculinidades subalternas) (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013). As primeiras estão presentes nas narrativas (entre outras) sobre as disputas agressivas do futebol e as formas de tratamento com as meninas da sala. As segundas dizem respeito às narrativas sobre desconstrução de padrões, à resistência dos “homens maquiadores”, ao respeito pelo próximo aprendido na escola e entre outras.

Também, os participantes demonstraram gostar bastante da escola e das suas práticas pedagógicas. De acordo com os quatro jovens, a escola se preocupa com assuntos atuais que norteiam a igualdade, o respeito e a justiça social. Além dessa influência, há outras de caráter sociocultural por eles narradas: a da família, mídia, escola, ciclos de amizades; além de



figuras masculinas como o pai, padrasto, avô e irmão.

5 Conclusão

Com a categoria de gênero, o machismo e o patriarcado ainda não acabaram, mas estão sendo cada vez mais problematizados. Esta pesquisa pretende, assim, somar-se a outros estudos sobre gênero, feminismo e masculinidades, a fim de identificar os processos que padronizam os comportamentos de gênero e dão ao homem os seus privilégios.

O fato de os jovens participantes estudarem em uma escola particular preocupada com assuntos polêmicos do cotidiano propicia a eles o acesso a discussões e reflexões sobre temas como gênero, machismo e masculinidades, pois as respostas dadas representam certa apropriação desses temas, além da defesa por parte deles da igualdade de gênero, apesar das contradições identificadas em seus discursos. Por outro lado, as influências do processo educacional relacionam-se com outras, que reverberam em seus processos de identificação enquanto homens, jovens e estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola particular erechinense.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. 93- 150p.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica: repensando o conceito repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 6, p.241-282, jan./abr. 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Cesil. **Gênero plural: um debate interdisciplinar**. Curitiba: Editora UFPR, 2002, p.11-22.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópo Vozes, 2007
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, ano 9, 2/2001, p. 460-482.

Palavras-chave: Gênero, Masculinidades, Identidades, Juventude, Camadas médias.

Financiamento

FAPERGS- Fundação de Apoio à Pesquisa no Rio Grande do Sul.